

Aptidão agroextrativista das comunidades remanescentes de quilombolas de Gurupá, Pará.

César Augusto Tenório de Lima¹, Marcelo Augusto Machado Vasconcelos¹; Oriana Trindade de Almeida².

¹ Professores da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, Campus de Paragominas *cesar.tenorio@ufra.edu.br

² Professora da Universidade Federal do Pará – UFPA, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA

Palavras Chave: Agroextrativismo, Quilombola, Manejo florestal.

Introdução

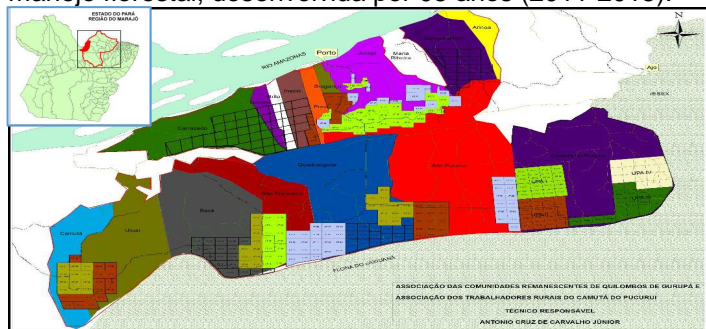
As populações tradicionais da Amazônia, a partir da década de 80, redescobriram a possibilidade de afirmação da sua identidade e de seus direitos e passaram a lutar nessas direções. O momento fundamental neste processo foi a luta pelo reconhecimento da heterogeneidade social, econômica e, sobretudo, a cultural de povos quilombolas, indígenas, ribeirinhos e pescadores (TRECCANI, 2006).

As comunidades remanescentes de quilombolas são populações tradicionais formadas por descendentes de escravos (DIEGUES e VIANA, 2004). Essas comunidades apresentam formas peculiares de organização do trabalho e sociabilidade, que podem ser inseridas dentro do modo de vida do campesinato, onde estruturas sociais estão calcadas nos laços familiares e de parentesco, nos grupos de vizinhança e na coletividade do lugar (RIBEIRO, 2010). Na Amazônia, essas famílias residem em comunidades de difícil acesso e desenvolve práticas tradicionais como a roça com prática de corte e queima, a caça e a pesca de subsistência, a coleta de produtos extrativistas (GUANAES et al., 2004). A dinâmica agrária dessas famílias tem por base a propriedade da terra, a produção agroextrativista de consumo próprio e trocas locais de mercadorias.

A pesquisa objetiva identificar as aptidões agroextrativistas em comunidades remanescentes de quilombolas, visando indicar atividades produtivas que sejam alternativas ao manejo florestal, que é realizado junto a uma empresa que executa a extração madeireira.

Resultados e Discussão

O universo do estudo englobou áreas de comunidades quilombolas com título definitivo de propriedade, localizada no município de Gurupá, estuário da ilha do Marajó, banhada pelos rios Amazonas e Ipixuna, na região oeste do Estado do Pará (figura). Esta experiência contempla uma parceria formal entre empresa-comunidade no manejo florestal, desenvolvida por 05 anos (2011-2015).



Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa se basearam nas técnicas participativas do diagnóstico rápido participativo (DRP), em um conjunto de aplicações junto ao público alvo, por alunos da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), que vivenciaram por 4 dias o modo de vida das famílias, seus costumes e tradições.

A análise dos dados considerou o método qualitativo, por meio da técnica observador-participante e associada com as informações coletadas no DRP e entrevistas abertas de lideranças comunitárias, visando obter um perfil da situação e necessidade socioproductiva do coletivo.

Para análise dos resultados respeitou-se acima de tudo, os costumes e saberes tradicionais dos povos quilombolas, no que vem sendo trabalhado por gerações e transmitido para os descendentes, a relevância das suas escolhas e a realidade local do que foi evidenciado em campo.

As aptidões agroextrativistas foram captadas de modo geral para a terra quilombola, em 08 comunidades assim denominadas: Gurupá Miri, Jocojó, Flexinha, Carrazedo, Camutá do Ipixuna, Bacá, São Francisco e Quadrangular. Dentre as atividades produtivas levantadas, obtiveram destaque em ordem de prioridade: produção agroindustrial da mandioca e seus derivados; implantação de áreas com sistemas agroflorestais (SAF's); produção de açaí (nativo e irrigado); psicultura; manejo madeireiro e não madeireiro (castanha, açaí, óleos, artesanato) de baixa intensidade, este último envolvendo jovens e mulheres.

Houve a nítida percepção que existe duas realidades produtivas que envolvem as comunidades, a partir das suas tradicionalidades. Os rios são os divisores dessas percepções. As comunidades que moram as margens do rio Amazonas são mais voltadas para as atividades agrícolas e que envolve SAF's, tem mais contato com tecnologias e informação para inovação da produção. Por sua vez, as comunidades localizadas no setor do rio Ipixuna têm mais relação com a floresta, a partir dos seus produtos madeireiros e não madeireiros, além da produção ser voltada mais para o consumo das famílias, devido a logística se tornar complexa e onerosa, além da falta de presença da assistência técnica e do Estado.

Conclusões

É evidente a vocação das comunidades quilombolas pelo plantio da mandioca para a produção da farinha, bem como as culturas agroflorestais, consorciadas ou não, e em segundo plano o extrativismo do açaí. A pesca e a caça de subsistência aparecem a todo o momento, reflexo da cultura ribeirinha quilombola.

Evidenciaram-se atividades coletivas e individuais, porém a pesquisa indica serem trabalhadas aquelas de uso comum, que dê escala e visibilidade a experiência, visando à melhoria da qualidade de vida e alternativas viáveis para ser investida com a saída futura da madeireira.

Nota-se que as comunidades quilombolas não têm aptidão madeireira, o que explica o pouco envolvimento no manejo florestal junto à empresa, salvo algumas exceções. Por outro lado, possuem propícias aptidões agroextrativistas.

Agradecimentos

A todas as comunidades quilombolas por permitirem o estudo. Ao apoio logístico da empresa madeireira HADEx.

DIEGUES, A. C.; VIANA, M.V. 2004. *Comunidades tradicionais e manejo dos Recursos naturais da Mata Atlântica*. São Paulo, NUPAUB-USP.

GUANAES, S.; LIMA, S.A. PORTILHO, W.G. 2004. *Quilombos e usos sustentáveis*. In: *Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica*. São Paulo, NUPAUB.

RIBEIRO, M. 2010. *Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana*. 1ª ed. – São Paulo: Expressão Popular, 456 p.

TRECCANI, Girolamo Domenico. 2005. *Regularizar a terra: um desafio para as populações tradicionais de Gurupá*. 711 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém/PA.